

número 20 | volume 10 | julho - dezembro 2016

DOI:10.11606/issn.1982-677X.rum.2016.120923

RuM^oRes

E se Aristóteles usasse o Facebook?

Uma genealogia da amizade

What if Aristotle used Facebook?

A friendship genealogy

*Alex Primo*¹

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Possui doutorado em Informática na Educação (UFRGS) e mestrado em Jornalismo (Ball State University). Coordena o Laboratório de Interação Mediada por Computador (LIMC) e o grupo de pesquisa em interação mediada por computador. alex.primo@gmail.com.

Resumo

O debate sobre o impacto das tecnologias digitais nos processos amistosos está em todos os lugares: desde a imprensa às mesas de bar. No entanto, muitas dessas reflexões adotam um tom excessivamente apaixonado, culminando em defesas deslumbradas ou em temores neoluditas. Para que se possa empreender um estudo sério sobre a amizade na era digital, não se pode limitar a discussão ao domínio da técnica, tampouco a conferir se todos os quesitos de um ideal de amizade estão presentes. É preciso, isso sim, observar a complexidade de nosso tempo, no seio do qual as práticas amistosas acontecem.

Palavras-chave

Tecnologias digitais, amizade, redes sociais.

Abstract

The debate over the impact of digital technologies in friendship relationships is everywhere: from the press to the pub tables. However, most of these arguments have an excessively passionate feeling and result in blind defenses or neo-luddite fears. If we are to perform a serious study on friendship in the digital age, we cannot be limited to technical aspects of the problem, nor to fulfilling all requirements for an ideal of friendship. It is necessary to regard the complexity of our time in the core of where friendship practices take place.

Keywords

Digital technologies, friendship, social networks.

O debate sobre o impacto das tecnologias digitais nos processos amistosos está em todos os lugares: desde a imprensa às mesas de bar. No entanto, muitas dessas reflexões adotam um tom excessivamente apaixonado, culminando em defesas deslumbradas ou em temores neoluditas. Para que se possa empreender um estudo sério sobre a amizade na era digital, não se pode limitar a discussão ao domínio da técnica, tampouco a conferir se todos os quesitos de um ideal de amizade estão presentes. É preciso, isso sim, observar a complexidade de nosso tempo, no seio do qual as práticas amistosas acontecem.

O que este artigo pretende é oferecer uma genealogia da amizade e uma recuperação histórica, ainda que breve, de variados fatores que transformaram as formas de ser e fazer. A amizade, claro, atualizou-se (e ainda o faz) em cada mudança epocal. Agora que as discussões sobre práticas amistosas centram-se naquilo que acontece no interior do Facebook, este trabalho visa chamar a atenção para o grande desafio que é discutir a amizade para além dos determinismos social e tecnológico.

As próximas seções apresentarão diferentes concepções sobre o que é um amigo e como a amizade é sensível às transformações econômicas, políticas, religiosas e culturais.

Da *philia* grega à *agape* católica

As reflexões sobre amizade na Grécia antiga gravitam em torno do conceito de *philia*. Conforme recupera Ortega (2002), o termo aparece em Heródoto no século V a.C. Em Homero encontramos o adjetivo *phílos* usado tanto na forma possessiva (a posse de algo, mas não no sentido de amizade) quanto no sentido afetivo (proximidade e parentesco). O verbo *philein* vai exprimir ação de influência e relações de hospitalidade. Nesse último caso, a relação com o hóspede ou estrangeiro gira em torno de obrigações recíprocas. A *philia* na Grécia homérica, apesar de seu caráter difuso, apresentava perfil institucionalizado, com relações ritualizadas, e era principalmente ligada ao parentesco. "Esse tipo de amizade exercia as funções de coesão social e proteção em um mundo descentralizado

que não podia garantir a vida dos indivíduos, representando uma possibilidade de assegurar a existência e a manutenção da sociedade” (p. 23).

Com a passagem da cultura do clã e da aldeia para a cultura da *polis*, emergem na Grécia clássica novas formas relacionais, de maior mobilidade social. Esse deslocamento vai abrir espaço para as decisões individuais no âmbito do afeto. De toda forma, Ortega aponta que ainda assim a relação de *philia* vai manter durante todo o período um caráter institucionalizado, que pode ser verificado na identificação da amizade com os ideais de democracia, justiça e virtude, temas presentes nos textos canônicos de Platão e Aristóteles.

A amizade aparece em Platão sobretudo como uma forma idealizada de relacionamento masculino. Tal viés precisa ser entendido no contexto da época, onde as mulheres gozavam de status inferior, dedicadas aos afazeres domésticos. O foco se volta para o afeto entre os homens. Por um lado, Eros é evocado como motivação à coragem nas sucessivas guerras que ocupavam os gregos de então. Por outro lado, na discussão de Sócrates sobre o “primeiro amigo”, o envolvimento meramente afetivo deveria ser evitado, para que o plano mais elevado da amizade (o bem) pudesse ser alcançado.

Para Aristóteles, a amizade é uma virtude, está sempre ligada ao bem. Logo, só pode acontecer entre pessoas boas e semelhantes entre si tem termos de virtude. “Ora, são aqueles que querem o bem de seus amigos em favor de seus amigos que são amigos no sentido mais pleno, visto que se amam por eles mesmos e não *acidentalmente*” (2009, p. 240). Enquanto estiverem comprometidos com o bem, a amizade perdurará.

Ainda que a amizade em Roma não tenha tido o mesmo significado e intensidade que encontrava na Grécia, vale destacar as aproximações entre Aristóteles e o clássico texto de Cícero (2006) sobre a amizade, no que toca sua ligação com o bem e a virtude. Mas, como observa Ortega (2002), enquanto os gregos enfocavam a amizade segundo fundamentos metafísico e teológico, Cícero busca bases mais objetivas, com lastro na vida, na experiência concreta e com viés na responsabilidade política. Para ele, a *amicitia* estava subordinada à pátria.

Enfim, conforme resume Deresiewicz (2009), para os antigos a amizade não é universal ou cotidiana. Trata-se de uma conquista rara e preciosa. “In a world ordered by relations of kin and kingdom, its elective affinities were exceptional, even subversive, cutting across established lines of allegiance” (p. 2).

Com o catolicismo, a centralidade da amizade vai ser questionada. O amor passa a assumir a primazia. Não o amor romântico ou familiar, mas sim o amor a Cristo e o amor ao próximo. Como aponta Ortega (2002), o próximo é qualquer um. Diferentemente do particularismo e da raridade das amizades idealizadas por gregos e romanos, o amor cristão (*agape*) é universal. Tendo a família como metáfora, “os cristãos são irmãos entre eles, não amigos” (p. 60). Enquanto a *philia* grega (relacionada com liberdade, espaço público e política) estava acima da família (privação e violência), Ortega observa que na tradição cristã a amizade é vista com certo receio. O afeto a um determinado amigo, fruto de uma escolha subjetiva, não poderia jamais igualar ou ultrapassar o amor a Deus.

Com o declínio da cultura monástica e a emergência da escolástica, Ortega aponta que a amizade sofre um forte golpe na Idade Média, sendo desvalorizada na literatura e nas práticas sociais, e tendo seu lugar tomado pelo amor cortês no novo ambiente cavaleiresco. Nesse período, as relações de amizade confundem-se com aquelas de parentesco e seguem regras rígidas.

Relacionamentos na Idade Moderna

Na Idade Moderna, a amizade ganha autonomia, constituindo-se em alternativa afetiva escolhida de forma deliberada, ainda que mantenha relação com a família (AYMARD, 1991). Diferentemente da rigidez relacional da Idade Média, a amizade moderna, conforme o verbete do chevalier de Jaucourt na *Encyclopédie*, vai transitar entre a “amizade de chapéu”² e a “familiaridade estreita”. Aymard observa como relações amistosas nos séculos XVI e XVII vão

2 Referindo-se à formalidade de levantar o chapéu como forma de cumprimento.

transformar os pactos matrimoniais na Europa, rompendo com o imperativo da consanguinidade presente em muitas comunidades, no qual incentiva-se o casamento entre parentes.

A amizade também passa a ser vista como uma forma de união entre grupos, contribuindo para diminuir ou resolver conflitos. A rede formada por parentes, vizinhos e amigos ganha coesão em momentos precisos de solidariedade: “dificuldades financeiras, tutela de órfãos, aprendizagem e formação profissional, arbitragem dos conflitos de interesses e, obviamente, também a inevitável vendeta” (p. 459). Aymard conclui que nesse período a amizade é tanto banal e ubíqua, conectando vizinhos e familiares, quanto excepcional e singular, ligando pessoas que se escolheram livremente.

Na Renascença francesa, Montaigne publica seu clássico ensaio sobre amizade (2012). Diferentemente das abordagens clássicas gregas e romanas, ele não reconhece a inter-relação entre amizade, política e comunidade. Para ele interessa o relacionamento particular, eleito deliberadamente pelos parceiros e exercida de maneira privada.

A amizade, portanto, abandona o domínio público. Assim como em Aristóteles e Cícero, sua perspectiva é idealizada. Mas, apesar de descrever a amizade em sua condição perfeita, desvincula-a de qualquer relação com a família, com o Estado, com a salvação pessoal ou com o amor. Mesmo que o amor possa ser intenso e fruto de escolha, Montaigne o compara a um fogo volúvel. “A amizade, ao contrário, goza-se na medida em que é desejada, e se enaltece, alimenta-se e cresce ao desfrutá-la, pelo fato de ser espiritual, e a alma se aperfeiçoa através da prática” (p. 101).

O autor faz questão de diferenciar sua elaboração de amizade daquelas relações cujos participantes se chamam de amigos, mas que são mantidas em virtude de intimidades, laços familiares ou troca de vantagens. “Na amizade de que estou falando, porém, as almas se misturam e se confundem uma na outra com uma união tão completa a ponto de apagar e fazer desaparecer a textura que as uniu”.

Tampouco podem ser consideradas amizades, apesar de serem cotidianamente referidas como tal, as relações mantidas com prudência e desconfiança. Sobre esses relacionamentos, Montaigne (2012, p. 103) recorre a uma frase que teria sido usada com alguma frequência por Aristóteles:

Meus amigos, não existem amigos! Ora, uma amizade perfeita deveria estar imune a qualquer dependência ou deveres, sendo que essas palavras deveriam ser banidas: benefício, obrigação, gratidão, súplica, agradecimento e semelhantes.

Como se pode perceber até aqui, a amizade enquanto escolha pessoal, para além da rigidez das normas familiares e dos costumes da época, foi uma conquista construída lentamente. O valor da igualdade, um dos pilares da Revolução Francesa, vai ter impacto direto na amizade moderna. Com as transformações sociais decorrentes do avanço do capitalismo e a progressiva impessoalidade e privatização da vida nas cidades (em contraste com as relações próximas das comunidades), as relações amistosas vão ganhando cada vez maior centralidade. É o que mostra Deresiewicz (2009, p. 4):

Modernity believes in equality, and friendships, unlike traditional relationships, are egalitarian. Modernity believes in individualism. Friendships serve no public purpose and exist independent of all other bonds. Modernity believes in choice. Friendships, unlike blood ties, are elective; indeed, the rise of friendship coincided with the shift away from arranged marriage. Modernity believes in self-expression. Friends, because we choose them, give us back an image of ourselves. Modernity believes in freedom. Even modern marriage entails contractual obligations, but friendship involves no fixed commitments. The modern temper runs toward unrestricted fluidity and flexibility, the endless play of possibility, and so is perfectly suited to the informal, improvisational nature of friendship. We can be friends with whomever we want, however we want, for as long as we want.

Por outro lado, é justamente na época moderna que a amizade ingressa nas instituições europeias e passa a ser usada como força política. Com a emergência das sociedades formadas por indivíduos que deliberadamente procuram fazer parte de seus quadros, dentre as quais destaca-se

inicialmente a franco-maçonaria, Aymard (1991) aponta que a amizade passa a se desenvolver no interior de tais associações, segundo certos contornos específicos. Progressivamente, a amizade vai transformar a maior parte das relações institucionalizadas, incluindo conflitos que opõe grupos reunidos por laços de amizade. Aymard sugere que o próprio significado da amizade chega a se esvaziar quando em sindicatos e partidos, por exemplo, o poder passa a ser assumido pelos “amigos dos amigos”.

A amizade contemporânea

Na contemporaneidade, a fragmentação da família vai dar novo significado às relações amistosas. Os amigos tornam-se o esteio a que se recorre. Deresiewicz (2009) lembra que as amizades passam a ser entendidas como a “família que se escolhe”. Contudo, com o avanço do século XX, as amizades mais próximas começam a minguar. Os ideais defendidos na antiguidade e o modelo do amigo descrito por Montaigne há muito não fazem sentido. A verdade deixa de ser o eixo que mantém o relacionamento. Como diria Nietzsche (2000, p. 268), “É a partilha da alegria, não do sofrimento, o que faz o amigo”. A partir dessa perspectiva, Derrida (2005) acrescenta que o silêncio preserva a amizade. O ideal da sinceridade absoluta nada mais seria que uma ilusão, um erro primário. Sobre a verdade, não raro é preciso calar sobre ela. Por um amigo querido, frequentemente é preciso não lhe dizer certas coisas. Nesses casos, dizer o que se pensa ou o que se enxerga seria pôr a relação em risco. Ou como argumenta Derrida, é o mal feito em nome da verdade.

Ou seja, a manutenção da amizade vale qualquer estratégia, nem que para isso seja preciso omitir ou distorcer fatos. “We tell white lies, make excuses when a friend does something wrong, do what we can to keep the boat steady. We’re busy people; we want our friendships fun and friction-free” (DERESIEWICZ, 2009, p. 6).

Na década de 1960, a juventude chega ao seu ápice enquanto construção de liberdade e intensidade afetiva. A amizade ganha contornos grupais.

As comunidades e bandas de rock são celebradas como símbolos da juventude, cuja ideologia torna-se um valor a ser mantido como resistência ao sistema e ao envelhecimento (Ibid.). Já os anos 1990 são apresentados pelo autor como um marco da busca pela juventude eterna, centrada nas relações amistosas. Séries de televisão de impacto mundial, como *Seinfeld*, *Sex and the City* e, claro, *Friends* descrevem bem o espírito da época, no qual solteiros e descasados encontram nos amigos seu suporte afetivo. Contudo, os valores ideológicos das décadas anteriores haviam se perdido.

A crescente velocidade da vida contemporânea tem um impacto profundo nos relacionamentos da contemporaneidade. Para Gergen (2000), enquanto amizades demoravam meses ou anos para se desenvolver, a evolução de tais relações pode hoje levar apenas dias. Enquanto os silêncios em encontros presenciais e os períodos de afastamento do passado retardavam o amadurecimento da intimidade entre amigos, as tecnologias atuais permitem o contato continuado e o aceleração da constituição de laços. Por outro lado, Gergen diagnostica que a agitação contemporânea faz com que amizades percam sua profundidade e durabilidade. O autor entende que tal fenômeno não refere-se apenas aos jovens, tendo em vista que pessoas da terceira idade hoje decidem deixar para trás suas comunidades e amigos de longa data para buscar uma nova vida em outros lugares, como Las Vegas!

Outro aspecto em mutação observado por Gergen é a presença de relações sexuais no âmbito da amizade. Se o casamento há muito perdera sua aura de eternidade, a exclusão do sexo do foro da amizade também deixou de ser a regra. Em constante movimento, entre reuniões, viagens e eventos, homens e mulheres acabam envolvendo-se em rápidos romances amistosos.

Nesse cenário por demais dinâmico, Gergen observa que a intensidade substituiu a fixação dos relacionamentos. Os encontros fortuitos precisam ser marcantes, mas passa-se a valorizar a segurança em detrimento do comprometimento. Diante da superficialidade das relações criadas e deixadas para trás rapidamente, a identidade é também substituída por uma *persona*,

construída estrategicamente para criar um determinado impacto. Com esse diagnóstico, Gergen conclui que “Deep relations become an endangered species, the individual is fragmented over an array of partial and circumscribed relationships, and life is lived out as a series of incoherent posturings” (p. 186).

Conforme Putnam (2000), os americanos foram lentamente abandonando a política e a vida comunitária. Os relacionamentos com colegas de trabalho tampouco evoluem para amizades mais profundas. Apesar do foco contemporâneo no trabalho colaborativo em times, o *downsizing* e a instabilidade no emprego dificultam a construção de laços mais duradouros no emprego.

Com o menor tamanho das famílias e com o aumento dos divórcios, as amizades ganharam importância nas grandes cidades, ao passo que compromissos cívicos e religiosos perderam. Por outro lado, Putnam mostra que, com menos tempo, os americanos passaram a encontrar-se cada vez menos com seus amigos e vizinhos. Com horários reduzidos, até o esporte tornou-se prática individualizada nas academias ou em casa.

We spend less time in conversation over meals, we exchange visits less often, we engage less often in leisure activities that encourage casual social interaction, we spend more time watching [...] and less time doing. We know our neighbors less well, and we see old friends less often. (Ibid., p. 115).

Mas é justamente a transição do século XX para o XXI que interessa particularmente a este artigo sobre amizade. A partir de meados dos anos 1990, uma inovação transformará de forma significativa as interações entre amigos: a popularização da internet. Apesar das evidentes vantagens que o e-mail e, mais tarde, as mídias sociais vieram oferecer para a conversação, o debate sobre a amizade em tempos digitais não encontra consenso. Enquanto diversas pesquisas apontam a intensificação das trocas afetivas entre amigos e destacam as novas possibilidades de manutenção de amizades desafiadas pela distância, muitos são os autores que alertam para um distanciamento social, caracterizado pela artificialidade dos relacionamentos. É o que se discutirá a seguir.

Amigos em sites de redes sociais

A metáfora de Putnam (2000) de que as pessoas na década de 1990 estavam jogando boliche sozinhas em virtude do declínio da participação comunitária e da força da televisão é vista por Wang e Wellman (2010) como uma visão nostálgica, saudosa dos anos 1960. Ao questionarem-se sobre o estado da amizade em uma era marcada pela presença da internet no cotidiano, os autores logo criticam o pânico frequentemente encontrado entre os críticos das tecnologias digitais.

Para além das perspectivas pessimistas que apontam que o sujeito da contemporaneidade está isolado, fechado em si mesmo, Wang e Wellman defendem que a amizade permanece sendo uma cola social. Segundo eles, os dados empíricos da literatura sobre o tema mostram uma associação positiva entre o uso da internet e contato com amigos. E mais, a popularização de dispositivos móveis ampliou o número de interações entre familiares e amigos. Outros achados que se revelam consistentes na literatura são: a) quanto maior o uso da internet, maior o contato com amigos; b) em vez de substituir as conversas presenciais e via telefone, a internet acrescenta formas de manutenção dos relacionamentos; c) a internet oferece oportunidades para a construção de novas amizades, que podem depois ser continuadas presencialmente e por telefone.

A partir de um estudo quantitativo que comparou dados de adultos norte-americanos coletados de 2002 a 2007, esses autores concluíram que a amizade permanece abundante, apesar do pânico de muitos críticos da internet. Na verdade, o número médio de amigos cresceu, conforme os dados coletados naqueles dois anos. Eles acreditam que tal incremento tem relação direta com a popularização das mídias sociais e da ubiquidade dos dispositivos digitais. Sendo assim, pessoas que usam mais a internet desenvolvem mais novas amizades, e pessoas com mais amigos mantêm contato mais continuado com eles.

Uma contribuição importante dos autores é o reconhecimento de que as mudanças nas formas de relacionamento precisam ser analisadas em um contexto de mudanças. A sociedade massiva já não existe mais. O mundo

hoje se estrutura como uma quantidade de redes fragmentadas, permeáveis e interconectadas. Diante disso, Wang e Wellman afirmam que:

It is not that people are all becoming intimate strangers in the internet era; it is that people's social connectivity is quantitatively — and probably qualitatively — different than before. Changing social connectivity is, after all, neither a dystopian loss nor a utopian gain but an intricate, multifaceted, fundamental social transformation... (p. 1164).

Como se viu até aqui, os processos amistosos são absolutamente sensíveis aos aspectos econômicos, políticos e culturais de cada época. Nesse sentido, vale acompanhar o profundo estudo de Fischer (2011) sobre como os laços entre familiares e amigos se transformaram nas últimas décadas. Através de uma análise comparativa de dados estatísticos sobre interações sociais de 1970 a 2010, o autor defende que os relacionamentos na internet não constituem uma ruptura nas formas relacionais nessa transição de século. Sua reflexão parte de um levantamento das transformações que caracterizam nosso tempo: a queda da natalidade, o maior número de solteiros e os casamentos mais tardios, a estagnação econômica, o aumento do número de mulheres no mercado de trabalho e as mudanças culturais.

Apesar de tantas mudanças, os dados revelaram que a importância da intimidade e do suporte afetivo permanece. Como o dia a dia ficou mais corrido, mais viagens de trabalho são realizadas, o tempo de permanência em um mesmo emprego caiu e os hábitos e o tempo de convívio social precisaram ser ajustados. Por exemplo, as mães que trabalharam ganharam novas possibilidades de fazer amizades, mas dedicam menos tempo ao trabalho doméstico para conviver com sua família. Conforme a análise estatística de Fischer, os americanos têm se encontrado menos para jantares, mas têm conversado mais graças à internet. Consistente nessas pesquisas é a afirmação de que as interações on-line enriquecem os relacionamentos pessoais.

Mas, se a percepção da importância da amizade manteve-se nas últimas décadas, não se pode supor, evidentemente, que as interações em sites de

redes sociais sejam “mais do mesmo”, como se nada tivesse mudado, “apesar” do ambiente virtual. Nesse sentido, os resultados da pesquisa de Elisson et al. (2011) sobre o impacto do Facebook na amizade no contexto universitário norte-americano interessam particularmente a este trabalho.

Os autores listam uma série de benefícios oferecidos pelo Facebook para os processos amistosos: a) manutenção de um número maior de laços fracos, que podem oferecer informações e dicas diferentes daquelas que circulam entre os laços fortes de uma pessoa; b) encontros efêmeros podem se tornar persistentes, permitindo que pessoas que interagiram em uma situação passageira (um workshop, por exemplo) possam manter contado continuado; c) o custo de manutenção de laços fracos é reduzido, tendo em vista que o Facebook oferece atualizações sobre a vida de conhecidos, sem que se precise buscá-las ativamente; d) barreiras que limitariam as interações iniciais podem ser minimizadas, já que os perfis pessoais apresentam diversos dados (profissão, gostos etc.) e imagens; e) a oferta de suporte emocional é facilitada, pois amigos estão mais acessíveis.

Através das entrevistas que conduziram com os universitários, os autores concluíram que o Facebook é utilizado principalmente para a interação com amigos existentes, conhecidos distantes e laços latentes. Raramente o site é utilizado para a construção de novas amizades. A pesquisa identificou que o Facebook contribui para que amizades que tiveram início em situações de proximidade física (na escola ou no trabalho, por exemplo) não seja abandonada quando os encontros presenciais deixam de ser frequentes (quando a pessoa muda de cidade, de emprego ou entra na faculdade).

Por outro lado, enquanto os dados estatísticos analisados por Fischer não revelam mudanças radicais na sociabilidade e Elisson et al. enumeram vantagens relacionais oferecidas pelo Facebook, Turkle (2011) percebe um cenário diferente a partir de seus estudos qualitativos. Essa psicóloga, cujos estudos sobre interações e identidade na cibercultura são referenciais, aponta que a ubiquidade das redes sociais on-line, que mantém a atenção

sempre dispersa, tem prejudicado a relação afetiva entre amigos e familiares. Ela também identificou em seus pacientes jovens uma dificuldade de empatia, de antecipar os sentimentos dos interlocutores (Id., 2015). Segundo ela, como tais jovens conversam mais hoje através de seus dispositivos móveis, a queda das interações presenciais tem impactado negativamente a circulação e percepção de afetos.

Em seu livro mais conhecido, *Alone together* (2011), no qual discute a solidão em tempos altamente conectados, Turkle provoca uma reflexão sobre a artificialidade e dos relacionamentos on-line e a forma simplificada de apresentação de si, em conformidade com as exigências dos serviços de redes sociais na internet. Além de uma preocupação estratégica de como se apresentar na internet, os outros são também tratados como objetos.

Networked, we are together, but so lessened are our expectations of each other that we can feel utterly alone. And there is the risk that we come to see others as objects to be accessed—and only for the parts we find useful, comforting, or amusing. (p. 228).

Observando a onipresença dos dispositivos digitais na vida cotidiana, Turkle nota que as pessoas ficam na expectativa da resposta imediata de seus amigos. Segundo ela, trata-se de um contrato social tecnológico que exige interação on-line permanente. Por outro lado, a autora defende que a simples presença de tecnologias do “*always-on*”, sobre a mesa ou nas mãos do interlocutor, tem o poder de alterar as conversações presenciais: “people with phones make themselves less vulnerable to each other and feel less connected to each other than those who talk without the presence of a phone on the landscape” (2015, p. 28). Turkle comenta que as pessoas já não suportam mais os silêncios em uma conversação. Julgando-os entediantes, logo sacam seus telefones celulares. A autora entende que se as pessoas estão passando horas do dia interagindo em espaços virtuais, elas estão deixando de estar em outros lugares, por exemplo, conversando com familiares e amigos em situações presenciais.

Turkle observa também que é hoje comum as pessoas se gabarem de ser “multitarefa”, por julgarem ter uma capacidade especial (2011). Entretanto, ela assegura que estudos comprovam que “multitaskers don’t perform as well on any of the tasks they are attempting” (Id., 2011, p. 163).

Em uma ácida crônica sobre a “sociedade do desempenho”, Brum (2016, p. 7) trata a crescente valorização do comportamento multitarefa como um retrocesso:

A contemplação é civilizatória. E o tédio é criativo. Mas ambos foram eliminados pelo preenchimento ininterrupto do tempo humano por tarefas e estímulos simultâneos. Você executa uma tarefa e atende ao celular, responde a um WhatsApp enquanto cozinha, come assistindo à Netflix e xingando alguém no Facebook, pergunta como foi a escola do filho checando o Twitter, dirige o carro postando uma foto no Instagram, faz um trabalho enquanto manda um email sobre outro e assim por diante. Duas, três... várias tarefas ao mesmo tempo. Como se isso fosse um ganho – e não uma perda monumental, uma involução.

A jornalista já havia criticado a sensação de urgência que tomou conta desses tempos digitais. Perde-se assim a noção do que é prioritário. Por um lado, estar sempre disponível aos outros dá uma sensação de importância, já que os outros (a empresa, a família) dependem de nós. Por outro lado, Brum entende que com o *smartphone* ninguém está mais por inteiro em lugar nenhum (na escola, em casa, no trabalho).

A pressa da vida contemporânea, a impermanência dos fenômenos sociais e a facilidade de conexão e desconexão em redes digitais também preocupam o sociólogo Bauman (2004). Para ele, “estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira uma tarefa cansativa” (p. 13). Apontando um temor contemporâneo de se encontrar enclausurado em uma relação, o autor entende que o que importa hoje é a possibilidade de poder romper relacionamentos “sem dor e com a consciência limpa” (p. 11). É assim que os termos “conexões” e “conectar-se” substituem “relacionamentos” e “relacionar-se”. Da mesma forma, prefere-se hoje “redes” a “parceiros”.

Refletindo sobre a busca artificial por um grande número de “amigos” em sites de redes sociais, Bauman (A AMIZADE..., 2011) conclui que a rede abarca duas formas de interação que eram estranhas às discussões sobre comunidade: as atividades de conectar e desconectar. “I think that the attractiveness of the new type of friendship — Facebook type of friendship, I call it — is precisely that. That it is so easy to disconnect. It is easy to connect, to make friends. But the greatest attraction is the facility of disconnecting”.

Talvez uma das críticas mais duras às práticas da amizade no Facebook venha de Deresiewicz (2009). Profundo conhecedor da genealogia da amizade, o autor parece impor um tom melancólico sobre as perdas afetivas que estaríamos sofrendo na era digital. Para ele, o Facebook oferece tão somente um simulacro de amizade. Conjuntos de imagens, pequenas informações pessoais e listas de pessoas constituiriam apenas uma ilusão de grupo, de comunidade, de proximidade emocional. Tudo teria sido reduzido à informação, que tomou o lugar da experiência. Da mesma forma que o espírito comunitário se perdeu, hoje ter-se-ia também apenas um “sensação de conexão”, e não um relacionamento real. Mas o argumento mais polêmico de Deresiewicz refere-se à exposição da privacidade em sites de redes sociais: “There’s something faintly obscene about performing that intimacy in front of everyone you know, as if its real purpose were to show what a deep person you are. Are we really so hungry for validation? So desperate to prove we have friends?” (p. 10).

Já Fischer (2011) entende que a seguinte afirmativa de Deresiewicz seria um exemplo do pânico dos críticos sobre a amizade na era digital, referenciado por Wang e Wellman (2010): “We have given our hearts to machines, and now we are turning into machines. The face of friendship in the new century” (2009, p. 13).

Enfim, esta seção procurou mostrar as dificuldades que se impõem ao estudo da amizade na cibercultura. As facilidades que as mídias sociais oferecem à prática da amizade são notórias. Por outro lado, as práticas amistosas não podem ser pensadas apenas nesse registro. As conclusões a seguir visam apontar um caminho para as futuras investigações.

E se Aristóteles usasse o Facebook?

Este artigo fracassou naquilo que não tinha qualquer chance de se sair bem-sucedido. A empreitada de oferecer uma visão panorâmica sobre a amizade, desde a antiguidade até o nosso tempo, não poderia deixar de ser ligeira. Apesar do desafio de se apresentar uma genealogia do conceito de amizade e uma visão histórica das práticas relacionais não poder ser aqui vencido com a profundidade necessária, espera-se que o leitor possa ter percebido a complexidade do problema. Este trabalho procurou demonstrar que a amizade não é uma essência própria do humano, cuja manifestação dar-se-ia de forma a-histórica, repetindo-se da mesma forma em qualquer tempo e lugar.

Muito embora as limitações impostas pelo pequeno espaço disponível a este artigo, foi possível apresentar como as práticas amistosas e a percepção do conceito de amigo dependem dos fatores econômicos, políticos e culturais de cada época. A estrutura da família, as situações de trabalho, as normas de sociabilidade e os interesses envolvidos na interação são apenas algumas condicionantes que transformam as amizades em cada tempo e espaço.

Na verdade, o estudo da amizade andava em baixa. Despertava pouca atenção. Soava até piegas! Mas com o sucesso e a ubiquidade dos serviços de redes sociais on-line, o conceito de amigo voltou a despertar a curiosidade. O refletir sobre tal definição, no entanto, não visa satisfazer o simples capricho estético de um pesquisador das Ciências Sociais. Tal discussão é necessária para dar sentido ao tempo em que vivemos. Compreender as interações e a circulação de afetos é uma atividade necessária para que possamos saber onde estamos e o que fazemos por aqui. Mas, não se pode pensar a amizade apenas enquanto afeto, enquanto possibilidade de suporte emocional ou fonte de prazer. A amizade é hoje exercitada, como sempre foi (veja o exemplo dos jogos políticos nas associações citado por Aymard), também segundo estratégias e interesses. Apesar dos protestos de Aristóteles, Cícero e Montaigne contra a expectativa de benefícios, amigos também trocam favores. Conforme sugere Foucault (2006), a consideração epicurista sobre a utilidade na amizade não se resume ao interesse

individualista. Para Foucault, o que se obtém como vantagem é um excedente da amizade.

Talvez a prática deliberada de *networking* em sites de redes sociais (principalmente no LinkedIn), em congressos e até na vida cotidiana seja hoje mais evidente. Mas não se pode imaginar que tenha sido uma invenção da cibercultura. Por *networking* entende-se buscar contato com pessoas que possam oferecer alguma vantagem, principalmente profissional. Esse processo ocorre de forma preponderante no contexto dos laços fracos.

Evidentemente, tais relações estão muito distantes da amizade idealizada na antiguidade e por Montaigne. Tampouco são sinônimo de uma forte amizade. Mas não se pode querer ignorar, nem repreender tais interações. Sim, se o *networking* passa a ocupar uma parte significativa das interações e as pessoas vêm a se relacionar cada vez menos com laços fortes, tal situação certamente demanda reflexões.

Entretanto, não se pode aceitar a determinação do que é o bom e “verdadeiro” amigo. Os critérios dos antigos, por exemplo, restringiam a amizade a situações idealizadas, fundamentadas na virtude e na verdade. Como Nietzsche e Derrida mostram, a verdade nua e crua pode justamente ser a causa do fim de uma amizade! Ou seja, o debate sobre a amizade não pode mais aceitar padrões de perfeição, que narram e sonham com uma forma relacional que jamais poderia se manter em situações reais.

Mesmo assim, a proliferação de relacionamentos on-line pode motivar alguns a manifestarem nostalgia de um tempo passado. É como se o virtual corrompesse a sociabilidade. É como se um dia a amizade fora plena, e hoje tornou-se impura. Essa é a postura que Deresiewicz (2009) deixa escapar. Depois de efetuar uma interessante genealogia da amizade, o ensaísta parece ter acreditado demais nas formas idealizadas de amizade outrora recitadas. Olhar o presente com as lentes do passado é enxergar uma imagem turva.

As mídias sociais deixaram de ser um ponto de encontro dos mais jovens. Crianças e pessoas da terceira idade interagem continuamente no virtual.

Amizades antigas puderam ser reativadas. Amigos e familiares têm agora maior facilidade de manter seus relacionamentos. Elisson et al. (2011) e Wang e Wellman (2010) descrevem bem os variados benefícios que os serviços on-line oferecem para a manutenção de relações. Isso não quer dizer que Turkle (2011, 2015) não tenha razão em provocar o debate sobre a atenção por demais dispersa em virtude do uso exagerado de mídias sociais em dispositivos móveis.

A procrastinação digital é outro problema que tem prejudicado a produtividade no trabalho e nos estudos. Ou seja, é preciso estudar com interesse o que fazemos com as mídias sociais e o que elas fazem de nós. Mas é preciso cuidado para não se descambar no saudosismo de um tempo que nunca existiu, tampouco incorrer em erros de determinismo tecnológico (o controle insuperável da técnica) e/ou social (deve-se agir de tal forma).

Deve-se compreender que a amizade nas mídias sociais não é desconectada da práticas amistosas fora da internet. Depois de tantos debates e estudos sobre cibercultura, não se pode mais admitir a separação estanque entre on-line e off-line. Como discutimos em outro artigo (PRIMO et al., 2016), amigos utilizam variados meios (on-line e off-line) para a manutenção de uma mesma conversa. Em outras palavras, não são pessoas nem amizades diferentes que ocorrem em lugares e tempos distintos. É a mesma amizade que vai se atualizando. É assim que se é amigo, e é assim que se pratica a amizade em nosso tempo.

Em seu estudo sobre sites de redes sociais, Boyd e Elisson (2007) chegam a sugerir a grafia *Friend*, com maiúscula, para referir-se à lista articulada de pessoas com quem se interage nos sites de redes sociais, e *friend* (com minúscula) para o que chamam de uso coloquial do termo. Tal distinção, ainda que proposta em virtude de um didatismo desnecessário, é por demais simplista e pouco oferece de contribuição. O que importa verdadeiramente é estudar-se: o que se entende hoje por amigo, melhor amigo, conhecido etc.; como se dão e como se diferenciam as práticas afetivas e relacionais entre amigos, familiares e conhecidos; como a amizade vem sendo reinventada em virtude das atualizações da família, da economia, da política, da fé etc.

Para o Facebook, é “amigo” toda e qualquer pessoa acrescentada em um perfil do site, mesmo que as pessoas nunca tivessem se encontrado. A rigor, para essa empresa importa menos as interações amistosas que sedia do que a exploração dos dados pessoais e grupais que coleta e comercializa—um fenômeno que chamei de “industrialização da amizade” (PRIMO, 2014). Ou seja, ao pesquisador de cibercultura interessa também investigar como os actantes não humanos (como os algoritmos das mídias sociais) nos fazem interagir de certos modos (LATOUR, 2005) e quais são os objetivos e as estratégias das empresas de mídias sociais.

Enfim, é preciso observar a amizade hoje, enquanto ela é praticada, por atores reais em situações reais. Assim poderemos compreender melhor o nosso tempo. O que não faz sentido é tentar vislumbrar o que Aristóteles faria se tivesse um Facebook. Ou seja, lamentar a perda de uma essência que jamais existiu.

Referências

A AMIZADE Facebook. Entrevista com Zygmunt Bauman. Entrevistado por Fernando Schüller e Mário Mazzilli. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5Lm2O3Q56Wg>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Bauru: Edipro, 2009.

AYMARD, M. Amizade e convivialidade. In: ARIÈS, P.; CHARTIER, R. (Ed.). *História da vida privada: da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 439-481. Volume 3.

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOYD, D.; ELLISON, N. B. Social network sites: definition, history, and scholarship. *Journal of Computer Mediated Communication*, Malden, v. 13, n. 1, p. 210-230, 2007.

BRUM, E. Exaustos-e-correndo-e-dopados. *El País*, Madri, 4 jul. 2016.

CÍCERO. *Sobre a amizade*. São Paulo: Nova Alexandria, 2006.

DERESIEWICZ, W. Faux friendship. *The Chronicle of Higher Education*, Washington, 6 dez. 2009.

DERRIDA, J. *The politics of friendship*. London: Verso, 2005.

ELISSON, N. B. et al. With a little help from my friends: how social network sites affect social capital processes. In: PAPACHARISSI, Z. (Ed.). *A networked self: identity, community and culture on social network sites*. New York: Routledge, 2011. p. 124-145.

FISCHER, C. S. *Still connected: family and friends in America since 1970*. New York: Russell Sage Foundation, 2011.

FOUCAULT, M. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GERGEN, K. J. *The saturated self: dilemmas of identity in contemporary life*. New York: Basic Books, 2000.

LATOUR, B. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. New York: Oxford University, 2005.

MONTAIGNE, M. *Sobre a amizade*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2012.

NIETZSCHE, F. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Humano, demasiado humano*: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ORTEGA, F. *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PRIMO, A. Industrialização da amizade e a economia do curtir: estratégias de monetização em sites de redes sociais. In: BALDI, V.; OLIVEIRA, L. (Org.). *A insustentável leveza da web*: retóricas, dissonâncias e práticas na sociedade em rede. Salvador: EDUFBA, 2014, p. 109-130.

PRIMO, A. et al. Conversações fluidas na cibercultura. In: ENCONTRO DA COMPÓS – Grupo de Trabalho Comunicação e Cibercultura, 25., 2016, Goiânia. *Anais...* Belo Horizonte: Compós, 2016.

PUTNAM, R. D. *Bowling alone*: the collapse and revival of American community. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2000.

TURKLE, S. *Alone together*: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

_____. *Reclaiming conversation*: the power of talk in a digital age. New York: Penguin, 2015.

WANG, H.; WELLMAN, B. Social connectivity in America: changes in adult friendship network size from 2002 to 2007. *American Behavioral Scientist*, Sedona, v. 53, n. 8, p. 1148-1169, 2010.